

PERSPECTIVAS NO ENSINO GRAMATICAL DA LINGUA PORTUGUESA

Vera Lúcia Lins Sant'Anna¹
Ana Carolina Martins de Paiva Lima²
Daniela Conegundes de Melo**
Guilherme Coura Pereira Chaves**
Jean Douglas Martins Barbosa Dias**

Resumo

Este artigo tem como objetivo esclarecer questões acerca do ensino da língua em sala de aula e desenvolver uma reflexão sobre o ensino e a utilização da gramática na educação básica. Para compreendermos a situação atual em que nos encontramos, faz-se necessário nos reportarmos ao passado e distinguirmos alguns conceitos que acabam por vezes se fundindo. Através dessas reflexões, analisamos o ensino atual e sugerimos práticas educacionais que transformem o ensino da língua em algo mais ativo e efetivo. Para isso, contamos com contribuições de grandes estudiosos do campo da linguística e da pedagogia. Neste artigo pretende-se também sugerir práticas educacionais que criem elos entre os alunos e o conteúdo aplicado, desenvolvendo suas habilidades de relacionar o mundo em que vivem com as práticas vivenciadas no ambiente escolar, empreendendo novas perspectivas do campo linguístico para a prática docente, buscando novas concepções pedagógicas para o ensino mais eficiente da língua.

Palavras-chave: Ensino. Estudo. Português. Língua, gramática.

Abstract

This academic paper aims to clarify issues about language teaching in the classroom and develop a reflection concerning teaching and the use of grammar in basic education. To understand the current situation in which we find ourselves, it is necessary to go back to the past and distinguish some

* Professora Orientadora: Vera Lúcia Lins Sant'Anna

** Alunos do 5º Período de Letras PUC Minas

concepts that sometimes end up merging. Through these reflections, we analyze the current education and encourage educational practices that transform the teaching of language into something more active and effective, therefore, we rely on contributions from major scholars in the field of linguistics and pedagogy. This academic paper also aims to suggest educational practices that create links between students and the applied content, developing their skills to relate the world they live in with the practices experienced in the school environment, undertaking new perspectives on the field of linguistics for teaching practice, seeking new pedagogical concepts for an efficient language teaching.

Keywords: Teaching. Study. Portuguese. Language. Grammar.

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa nascida no reino de Galiza, há cerca de dois mil anos, derivada de um Latim vulgar, conta hoje com cerca de 280 milhões de falantes em todo o mundo. Tendo surgido há tanto tempo, as discussões sobre sua constituição não têm data breve. Essa discussão se perpetua através dos séculos, na intenção de buscar uma maneira efetiva de se ensinar a gramática no âmbito escolar.

As diferenças entre língua e fala, as maneiras e os métodos utilizados na instrução da matéria são fatores a serem discutidos sobre uma perspectiva tanto histórica quanto inovadora. É preciso partir do princípio para se entender o meio e, assim, chegar a uma finalidade específica, que depende tanto dos professores quanto dos alunos, mas que, inevitavelmente, depende de ambos, da colaboração de seus livros, gramáticas e textos norteadores.

É necessário que o estudo da gramática seja adaptado aos aprendizes e aos professores e que esse ensino não seja obsoleto e traga arraigada a tradição de séculos passados, pois somente na inovação pode-se encontrar o caminho exato do estudo gramatical.

2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ENSINO GRAMATICAL

A língua portuguesa, após sua consolidação, necessitava ser imortalizada, pois era uma língua que já à época era considerada a identidade de um povo, instância que o demarcava como pátria. Necessitava-se, então, de algo que pudesse torná-la infinda, assim, o movimento para documentá-la iniciou-se, para que, além de unificar-se em uma só, e não com dialetos variantes, esses escritos a transformariam em uma língua efetivamente real, reconhecida e, obviamente, palpável.

No século XVI, ainda em Portugal, de acordo com Neusa Maria Bastos (2002), o estudo era um objeto destinado aos nobres e religiosos e esse fato cria um precedente sem igual no futuro da ensinância da referida língua, já que não se levava em conta o português que se falava por todos os falantes, mas sim por esses estudantes, que, por sua classe social, tinham um jeito específico de comunicar-se. Assim nasce o conceito de certo e errado: os estudiosos falavam certo e outras maneiras de expressão eram consideradas equivocadas.

Portanto, têm-se na 'conveniência' o conceito do correto, pois aquilo que não estiver de acordo com as normas gramaticais não estará convenientemente posto, o que não seria adequado para um indivíduo que, inserido num determinado momento histórico, ligado aos padrões impostos pela nobreza da época, deveria saber os 'preceitos, com os quaes se faz adquirir a conveniencia'. (BASTOS, 2002, p. 262).

De acordo com Bastos (2002, p. 258), em 1536, Fernão d'Oliveira escreve o que seria a primeira obra gramatical portuguesa, inserindo aspectos sintáticos (ortografia e fonética) à língua, que outrora somente existia na fala, assim conseqüentemente o escritor dita regras a serem seguidas. Tendo sido ele um nobre, esse documento segue a norma do Português em que os parâmetros a serem adotados eram do Latim, distanciando-se assim do Português falado efetivamente pela população. Ainda assim pode-se relatar uma mudança indizível: Fernão Dias cria "cartinhas" para o Ensino, não só de nobres, mas também de estrangeiros colonizados, que eram obrigados a aprender a língua de seus colonizadores, como maneira de oprimir sua cultura e introduzir uma nova.

Nota-se incrível que ainda hoje essas convicções perduram. Ao início do século XVI ainda temos uma rigidez no Ensino Gramatical precedente de

séculos passados. Na atualidade, o Ensino é, tecnicamente, universalizado, entretanto em questão de ensinância quase nada foi alterado. Esse tipo de Ensino nem sempre é efetivo, já que há muito está obsoleto.

Somente no século XVII, de acordo com Neusa Maria Bastos (2002, p. 259), é que ocorre uma mudança palpável: outras disciplinas surgem, como as ciências naturais e a matemática, fazendo com que os estudos clássicos fiquem um pouco esquecidos. A partir do gramático mais representativo da época: Amaro de Reboredo, o ensino da língua passa por uma transformação, passando a ser ensinado através de sentenças, frases selecionadas de grande uso no idioma, para que a mecânica da língua fosse melhor aprendida e apreendida.

No século XVIII, em pleno Iluminismo Português, o controverso Marques de Pombal reformula o Ensino Público português. Com a expulsão dos jesuítas, o número de estudantes cai para menos de um terço de estudantes em relação aos que os jesuítas atingiam. Doravante, mudanças eram propostas e realizadas, a sintaxe formal surge, trazendo consigo novas normas e, por consequência, novas maneiras de se ensinar a gramática. Entretanto, estudo continua sendo um privilégio da classe dominante, isso se explicita pela fala de Amaro de Reboredo, exposta por Bastos em seu texto 'Sintaxe do Português: De uma abordagem histórica para uma perspectiva inovadora': "nem eu ofereço aos rudes, porque a agricultura não foi inventada para terras estéreis" (REBOREDO apud BASTOS, 2002, p. 263).

Essa rigidez chega ao Brasil após as grandes navegações, quando a língua portuguesa é imposta à nova pátria que surgia, um novo Português surgiria, com influências de tantas línguas que conviveriam pelos próximos séculos: indígenas, africanas e europeias. Mas o ensino pouco evolui. Vê-se necessário um novo Iluminismo, que modifique novamente o Ensino da Gramática para que acompanhe o novo período que se inicia. Anteriormente, a gramática era ensinada através de palavras, a evolução para frases tornou-se inevitável, agora, é necessária uma mudança para o estudo de textos.

Não se observa qualquer reserva de espaço para a reflexão sobre os procedimentos em uso, sobre o modo de relacionamento das unidades da língua, sobre as relações mútuas entre diferentes enunciados, sobre o propósito dos textos, sobre a relação entre os textos e seus produtores e/ou receptores, etc. (NEVES, 2002, p.

41,42).

Os alunos cada vez mais têm um senso crítico aflorado e a pergunta: “Por que tenho que estudar isso?” mostra-se cada vez mais presente. Com o estudo de gramática em aplicações textuais, é possível obter uma resposta satisfatória, afinal, as pessoas não se comunicam em frases soltas. O discurso compreende sentenças que, interligadas, formam um texto. Outra alternância necessária é a concepção de fala e escrita, é necessário desligar-se da concepção de que são a mesma coisa, pois não o são. A língua que se fala é diferente da que se escreve, e os alunos merecem ter essa perspectiva e independência para que não se percam em seu aprendizado e tenham a ideia da real dimensão do papel da gramática em suas vidas. A Gramática deve ser um parâmetro de escrita, entretanto esta não tem dimensão suficiente para abranger a fala que é mutável e que vem mudando drasticamente através dos séculos.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato saído
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
(ANDRADE, 1991)

É essencial aos novos tempos o reconhecimento de que a língua se modificou, a maneira de se comunicar do brasileiro também se modificou, e ignorar esse fato, como fazem a maioria das gramáticas normativas, nada contribui para a aceitação da disciplina fundamental na formação do ser humano e tão mal vista no âmbito escolar.

3 LÍNGUA X GRAMÁTICA

Quando se pensa em aulas de português, o que logo nos vem à cabeça são aulas de gramática, mas, primeiramente, deve-se pensar no papel da

escola no mundo contemporâneo, que é ensinar a língua padrão e criar condições para seu uso efetivo. É vital que tanto os professores quanto os aprendizes saibam que conhecer uma língua é uma coisa, mas conhecer sua gramática é outra.

O primeiro desvio, normalmente cometido, é fazer com que o aluno acredite que ele não sabe o português. Sabe-se que essa ideia é equivocada, uma vez que a língua é aprendida ainda quando criança e é dominada pelo falante, mesmo que ele não tenha conhecimentos técnicos a respeito da referida língua, ou seja, saber sua gramática, já que a utiliza como meio de comunicação efetivo e duradouro. Assim, é necessário convencer os professores de que o uso efetivo e ativo de uma língua não está necessariamente ligado ao domínio de sua tecnicidade, pode-se utilizar como exemplo as sociedades ágrafas, em que não existe uma escrita, nem tampouco gramáticas.

Segundo Sírio Possenti, “o que já é sabido não precisa ser ensinado” (POSSENTI, 1996, p. 50), ou seja, um aluno brasileiro não deveria aprender o português na escola, como ele aprende, por exemplo, o inglês, pois fala o português e, como fala a língua, a conhece. A educação básica brasileira não tem como princípio ensinar o aluno a língua portuguesa, mas sim a gramática do português, as regras gerais e seu funcionamento técnico. A língua portuguesa é aprendida por ele nos seus primeiros anos de vida, no convívio com sua família, essa é a maneira mais simples de distinguirmos tais conceitos.

Saber gramática’, ou mesmo ‘saber português’, é geralmente considerado privilégio de poucos. Raras pessoas se atrevem a dizer que conhecem a língua. Tendemos a achar, em vez, que falamos ‘de qualquer jeito’, sem regras definidas. [...] Vou sustentar que, apesar das crenças populares, sabemos, e muito bem, a nossa língua [...] nosso conhecimento da língua é ao mesmo tempo altamente complexo, incrivelmente exato e extremamente seguro. [...] Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas. (PERINI, 2000, p. 11).

Como dito anteriormente, é necessário que os alunos tenham consciência de que já dominam a língua e que a escrita é uma invenção criada

no intuito de estender a fala. Ou seja, a escrita deve seguir como base a fala, e não encarar o ensino da língua seguindo manuais impostos pelo sistema educacional, como salienta Marco Antonio Oliveira: “o aprendiz, ao longo de seu processo da escrita, se move de um sistema de representação calcado na fala para um sistema de representação calcado na língua.” (OLIVEIRA, 2005, p. 39). Esse domínio que todo falante possui, denominamos de gramática internalizada.

Podemos entender a partir desse ponto por gramática internalizada (ou implícita) o conjunto de regras que o falante domina. Entende-se pelo conhecimento lexical, semântico e sintático que esse falante possui, muitas vezes, sem ter consciência disso e que permite que ele compreenda e produza enunciados que podemos reconhecer como pertencentes a uma língua. Pesquisadores defendem que esses conhecimentos é que devem ser abordados nas escolas, e que são eles que fazem com que a escola cumpra o seu papel, que é transformar a língua em objeto transformador, tornando seu uso efetivo e ativo.

Todos sabemos que, como atividade humana, a atividade linguística tem três dimensões: 1. A dimensão discursiva [...]; 2. A dimensão semântica [...]; 3. A dimensão sintática ou gramatical [...]. Dito de outro modo, a linguagem é (e tem de ser considerada): 1. Uma atividade comunicativa; 2. Uma atividade cognitiva; 3. Um objeto de análise. (NEVES, 2002, p 40,41)

Não se sugere, entretanto, que os conhecimentos gramaticais sejam abolidos do ensino escolar, mas, como Possenti, acredita-se que tópicos gramaticais poderiam ser abordados de acordo com a demanda dos alunos, transformando seus “erros gramaticais” em objetos de estudo.

Nesse momento é essencial o papel do professor, que é expor para o aluno toda a diversidade linguística da língua, explicar a necessidade de aprender a língua padrão, mesmo que valorizando a linguagem coloquial. Deve também se apropriar da realidade do cotidiano, com aulas lúdicas, demonstrando os contextos em que utilizamos a língua como recurso para atingirmos determinados efeitos de sentido.

4 A LÍNGUA EM SUAS MULTIFUNÇÕES E APRENDIZAGENS

A língua materna, tal como já existiu a partir de diferentes usos e como é apresentada e trabalhada nos dias atuais, possui uma determinada amplitude e traz desafios a serem vencidos, uma vez que a mesma encontra-se em contínua mutação. Falar em aprendizado é subentender que as questões e dúvidas que serão desenvolvidas, ao longo desse, perpassa por uma bagagem pessoal, na qual serão colocadas em perspectivas diferentes e distintos pontos de vista, bem como argumentos pautados em realidades distintas.

Em um país como o Brasil, onde a diversidade linguística é tão vasta quanto sua dimensão, entende-se que há diferentes maneiras de se conduzir o ensino. Isso, aliás, é totalmente compreensível quando nota-se que, embora estejamos em um mesmo país, há variações linguísticas lexicais consideráveis de um Estado para o outro. Independente dessa heterogeneidade, o mercado encontra-se cada vez mais competitivo e ter o que se nomeia como “o diferencial” realmente faz a diferença. É de grande importância despertar em alunos das séries iniciais o hábito de ler, pesquisar e criar senso crítico diante das inúmeras propostas advindas do professor.

Além disso, há também a necessidade de somar todo o empenho do aprender às mídias da atualidade. Em plena era digital, os mecanismos oferecidos para um maior entendimento de sua própria língua são dos mais diversos. Há, por exemplo, textos, vídeos e dicionários disponíveis na rede que proporcionam àqueles que estão adquirindo o conhecimento um maior suporte e, ao mesmo tempo, um canal facilitador que vem para agregar ao ensino aplicado dentro da sala de aula, obviamente com moderação e discernimento. Com o intuito de reiterar a importância desses objetos de nosso cotidiano, podemos citar uma passagem do livro “Ensino de Português” de José Carlos de Azeredo (2007) que diz:

É para tornar-se um cidadão, apto a participar da vida cultural em toda a sua extensão e a desfrutar de seus direitos civis, que qualquer pessoa frequenta a escola e se apropria – principalmente pela leitura de jornais, revistas, livros, enciclopédias etc. – de conhecimentos e habilidades diversos. (AZEREDO, 2007, p. 97-98)

Ao se pensar que há alguns anos tais ferramentas não estavam ao alcance de todos - ou encontravam-se de maneira limitada - compreenderemos

sua importância. No entanto, essa busca pelo desconhecido precisa partir de uma necessidade, da vontade de querer ampliar seus próprios horizontes e devemos dizer que isso vale para qualquer idade.

Fazer-se entender é valoroso e cada um utiliza suas habilidades comunicativas de acordo com suas necessidades. Contudo, apropriar-se de tais habilidades parte do que se julga importante em termos de extensão cultural. Tal extensão deve estar atrelada ao conhecimento dos aprendizes. Faz-se necessário difundir nossa dimensão cultural com a biológica, porque aprender é utilizar todos os nossos sentidos. É necessário enxergar como o mundo se constitui na estrutura de um texto, em uma obra de arte, no teatro e até mesmo na estrutura física de nossos patrimônios culturais, já que cada cultura se espelha em sua língua. Por esse motivo, a aprendizagem da língua requer a compreensão de como um texto funciona e de como ele está intimamente associado aos mais diversos gêneros e formas de se expressar.

O processo de aprendizagem da língua materna não é unicamente responsabilidade do educador, mas também do próprio aluno, e a escola é um meio de mediar esse encontro. Na realidade, esse encontro acontece antes mesmo de adentrarmos na referida instituição. Comunicar-se em uma língua é sinônimo de conhecer tal língua e conhecê-la significa possuir a capacidade de construir e compreender textos (orais). Pautado nessa perspectiva, pode-se concluir que alunos e professores devem trabalhar juntamente, já que a prática de ensino/aprendizagem implica ensinar/aprender a lidar com textos e reconhecer que é necessário produzir, atribuir sentido, observar sua construção e refletir sobre ela. De acordo com Azeredo (2007):

Alargando-se, tornando-se mais complexo, incorporando sutilezas, esse conhecimento embasa os novos textos que construímos. Com efeito, o conhecimento da língua é algo cumulativo, que se expande à medida que o objeto em que ela se corporifica – os textos – se multiplica e diversifica. (AZEREDO, 2007, p. 104).

Dessa maneira, aprenderemos a língua em completa abrangência, o aluno aprende com o professor na igual medida que o contrário sucede.

5 A MULTIDISCIPLINARIDADE EM CONJUNTO AO MEIO SOCIAL E ÀS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO

Uma maneira interessante de se trabalhar a língua descrita nas gramáticas é trazer à sala de aula o contexto real dos alunos. Isso pode ser feito através de conteúdos que giram em torno do cotidiano de cada um deles, tais como: músicas que são familiares ao seu ambiente, diálogos extraídos de novelas, desenhos animados ou séries televisivas e, até mesmo, textos em formato de horóscopo, receitas ou simplesmente um bilhete. São algumas das várias estratégias que incentivam o jovem aprendiz e que causam uma identificação imediata, fazendo com que o processo de aprendizagem seja mais bem aproveitado. Outro aspecto importante que o aluno precisa desenvolver é o de questionar. Um aluno que é questionador tem a necessidade do aprendizado, quer compreender o porquê das coisas serem como são e isso nos revela um caráter inerente do próprio ser humano, que se refere à curiosidade e a curiosidade é o elemento que nos incita a pesquisar e a desenvolver esses questionamentos.

Ao nosso redor, podemos observar a comunicação em diversos meios. Em *outdoors*, placas, pôsteres, anúncios fixados em postes. O uso das palavras em situações como essas, ou mesmo no diálogo com o vizinho, reflete o papel social que assumimos. Todos nós desenvolvemos ao longo da vida práticas discursivas, sejam elas de maneira informal, como em um bate-papo (virtual ou real), ou por uma maior formalidade, como em uma entrevista de emprego. Assumir a palavra nesses eventos comunicativos demonstra a habilidade de apropriação da língua e também a distinção dos ambientes onde se irá veiculá-las, uma vez que há várias línguas a serem faladas, inseridas em um mesmo código linguístico, já que existe uma

[...] concepção de língua como código variável: a língua de velhos e jovens, a língua falada e escrita, a língua formal e informal, a língua dos ritos, a língua do humor, das ciências, da mídia, a linguagem literária, etc. [...] A diversidade interna [...] na própria língua, torna-se assim o princípio básico que norteia a análise. Pois todas as línguas mudam constantemente. (MELLO; ALTENHOFEN; RASO, 2011, p. 47).

Em suma, o infindo conjunto de conteúdos da mente humana é organizado, expresso e socializado graças à existência e intervenção da linguagem, sendo assim, a língua é mediadora de todas elas. O domínio das

informações e ideias que se apresentam em um texto, a escolha do vocabulário e até mesmo do emprego dos sinais de pontuação constituem habilidades que só adquirimos através do estudo.

6 PARÂMETROS LINGUÍSTICOS

Avanços linguísticos têm colaborado muito para o estudo e ensino da língua na sala de aula; grandes autores, como Benveniste e Bakhtin, trouxeram considerações importantes no que diz respeito à linguagem, à língua, ao contexto da enunciação e demais fatores da linguística que são essenciais para o texto. Não obstante, percebem-se ainda grandes equívocos ligados ao ensino/aprendizado da língua em sala de aula; muitas vezes tais erros advêm da formação ou na ideologia de ensino que o docente obteve. Pretende-se, neste instante, evidenciar considerações importantes para que professores empreendam um trabalho satisfatório em classe, construindo um ensino que permita aos alunos edificar sentido. Para além, garantir aos discentes um futuro promissor, permitindo-lhes uma maior capacidade nas habilidades de leitura e escrita.

O Objetivismo da Linguagem acreditava que o sistema linguístico era capaz, por si só, de dar sentido às nossas comunicações. Assim, a estrutura do enunciado daria conta do sentido, portanto a Gramática era essencial na linguagem e esta seria conceituada como “instrumento de comunicação”. Privilegiar a gramática no ensino da língua é o mesmo que estar de acordo com as concepções políticas e sociais que advêm dessa corrente de pensamento. Nesse momento, baseado no “certo e errado” que favorecia o modo de falar de uma classe social mais favorecida em relação a outra, criaram-se normas e categorizações de termos da língua. Os estudos trazidos por Émilé Benveniste (1995) e pelo círculo de estudos de Mikail Bakhtin trouxeram novos argumentos sobre a linguagem, língua e demais fatores da *enunciação*. Benveniste em seu texto “Da subjetividade da linguagem” questiona essa visão errônea de tratar a linguagem como instrumento.

A comparação da linguagem com um instrumento [...] deve encher-nos de desconfiança, como toda noção simplista a respeito da linguagem. Falar em instrumento [de comunicação] é por em

oposição o homem a e natureza. A picareta, a flecha, a roda, não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. (BENVENISTE, 1995).

Os argumentos de Benveniste acerca da linguagem levam a acreditar, após muito estudo, que sua concepção de linguagem está relacionada com a maneira pela qual os seres de uma determinada “instância” de discurso interagem uns com os outros.

Para Benveniste (1995), a enunciação é constituída pelas categorias de pessoa (quem fala para quem - eu e tu), Tempo (agora) e espaço (aqui). Tais categorias são chamadas também de contexto. Sendo assim, a gramática não é mais um elemento essencial na perspectiva do sentido, como era no Objetivismo da Linguagem. Em outras palavras, podemos afirmar que, como Possenti, o sentido não se dá na tessitura, mas sim nas circunstâncias interação. Bakhtin segue a concepção de interação ligada à linguagem e reafirma de maneira ainda mais elucidativa o fator social que a língua possui com base no enunciado “que horas são?” Parafraseando o que Bakhtin (2003) nos orienta, façamos o mesmo:

- a) Imagine que você esteja pronto para casar, sua noiva está atrasada para o casamento; cansado disso, vira para seu padrinho e pergunta: “Que horas são”?
- b) Agora imagine que você está em um ponto de ônibus, saiu de casa já atrasado e, para variar, o automóvel também o está; atrasado impaciente, você vira para um jovem que está em seu lado e diz: “Que horas são”?
- c) Finalmente, pense que seu filho fez muita bagunça, bravo você o colocou para refletir durante duas horas. Seu filho, ao perceber que você se distraiu, sai do cantinho da “reflexão”. De repente diz: Bernardo, “que horas são”?

É certo que qualquer leitor da língua portuguesa será capaz de perceber que todas as circunstâncias relatadas acima, em termos de semântica, são distintas.

Neste artigo, pretende-se evidenciar questões esclarecedoras acerca do

ensino de língua na sala de aula, observando as contribuições das luzidas obras de Benveniste e Bakhtin. Para ensinar gramática na sala de aula, o professor terá que ser capaz de compreender que sintaxe, por exemplo, é uma *estrutura*. Quem nos orienta sobre essa questão estrutural são Silva e Koch: “Toda frase de uma língua consiste em uma organização, uma combinação de elementos linguísticos agrupados segundo princípios, que a caracterizam como uma estrutura” (SILVA; KOCH, 1995, p. 11).

Falar sobre sintaxe em sala de aula sem entender que os enunciados se organizam em formatos estruturais, e, assim, ensiná-la isolada do texto é equivalente ao uso equivocado da tabuleta do BA BE BI BO BU na alfabetização: o ensino torna-se incoerente, sem sentido e penoso. Ademais, para a realização de um trabalho bem sucedido, é preciso que o docente explicita a seus discentes: Gramática é importante à medida que determinadas circunstâncias exijam a regra, a norma, a dita “variedade padrão”. Além disso, a escrita é muito importante em nossa sociedade, grafocêntrica, e todas as esferas de atividade humana utilizam dessa tecnologia.

Na importante obra de Bakhtin (2003) sobre os gêneros discursivos, o autor orienta que nossas falas se organizam em uma espécie de “TRI-PÉ” que são eles: conteúdo temático, forma composicional e estilo. Um bom docente faz com que seus alunos percebam que determinados gêneros discursivos pedirão determinados sintagmas em sua “composição”. Exemplificando:

- a) os adjuntos adverbiais são sintagmas essenciais na construção de uma notícia;
- b) o predicado verbal e objetos diretos na construção de uma receita. Sempre esclarecendo que os sintagmas podem ser usados como estratégias discursivas em diversos gêneros:
 - como as orações subordinadas subjetivas em textos argumentativos;
 - o uso do sujeito indeterminado em textos jornalísticos; ou ainda
 - as vozes (passiva e ativa) em manchetes de jornais.

Para ensinar gramática em sala de aula, é importante que o mentor tenha noção das diversas concepções de gramática. Travaglia é quem vai nos esclarecer sobre as diversas noções de gramáticas existentes: Gramática

normativa, descritiva, internalizada, implícita, explícita ou teórica e reflexiva. (TRAVAGLIA, 2005, p. 32). Ainda assim, não será necessário que o aluno fique decorando conceitos de tipos de gramática, o importante é que ele perceba que cada concepção trata a noção de gramática distintamente: enquanto uma trata de normas que devem ser seguidas, outra trata de conjuntos de normas que são seguidas. Além disso, é imprescindível esclarecer ao aluno que os falantes de uma determinada língua são capazes - através do conhecimento internalizado que possuem - de reconhecer quando uma frase foge das regras do paradigma linguístico por ele falado.

Se qualquer leitor analisar as gramáticas de Língua Portuguesa, é possível notar diversas incongruências. As definições sobre sujeito, predicado, diferenciação de adjunto adnominal para complemento nominal (em alguns casos), por exemplo, apresentam desconfiância a qualquer falante da nossa língua. Entre essas incongruências podemos citar as definições de sujeito como o ser de que se declara algo ou ser que pratica ação. Nas orações: *Eu vos declaro marido e mulher* e *A banana foi comida pelo macaco* as definições acima serão desconstruídas respectivamente. Com relação ao predicado, muitas gramáticas definem esse termo como aquilo que se declara do sujeito, esquecendo, muitas vezes, que existem orações que não apresentam sujeito, como por exemplo: *Há amor no facebook?* Um equívoco que as gramáticas comentem sobre as diferenciações entre adjunto adnominal e complemento nominal é afirmar que adjunto se refere a substantivo concreto e complemento nominal ao abstrato. Na frase: *viagem de trem*, embora o substantivo seja abstrato, a expressão “de trem” denomina-se Adjunto Adnominal.

Um bom orientador deve estar preparado para as indagações de seus orientandos em sala de aula que, frequentemente, não de aparecer. Já que sintaxe é estrutura, o melhor caminho para categorizar os termos da oração é o critério sintático, sempre aplicado no contexto e no texto.

Direcionar aulas de gramática implicará nas diferenciações de língua. Descobriu-se, com estudos linguísticos, que língua enquanto sistema de regras não consegue acompanhar os fatos da língua enquanto fator social. Privilegiar o ensino da gramática de maneira solta, incoerente, traz sérios riscos para a aprendizagem, como por exemplo, o desgosto pelo estudo, problemas de indisciplina e má formação, possibilitando que os discentes cresçam como

“leitores não críticos”. Em contrapartida, ensinando gramática aplicada ao texto, o docente formará sujeitos que leem a tessitura de maneira pertinente e coerente. Sabemos que a língua é ininterrupta e que o Objetivismo da Linguagem dá conta, apenas, do enunciado e não da enunciação. A língua é múltipla, extrapola as regras e normas da gramática; o lugar em que estamos situados é na enunciação, na instância de discurso. Benveniste (1995) nos esclarece sobre isso quando diz: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.” (BENVENISTE, 1995, p. 286)

Escolher ser professor é escolher amar seus alunos, é se comprometer com a formação desses seres como sujeitos críticos preparados para o mundo que os rodeia. Novas perspectivas de ensino significam uma nova jornada a seguir, um desafio novo a vencer.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o enraizamento do ensino da gramática, a disciplina de Língua Portuguesa vem sendo cada vez menos aceita pelos discentes, já que o ensino não acompanha o século atual. Sendo assim, surge a necessidade de uma reformulação completa no ensino da língua, a fim de torná-la efetiva e ativa, de forma acessível e empregando a ela seu real valor.

O docente deve, em seu trabalho, desgrudar-se da gramática, utilizando-a somente como apoio, e explicitar além do que nela está descrito. Apoiar-se na língua é a melhor maneira de tornar o ensino dessa disciplina realmente algo relevante, alcançando assim o principal objetivo proposto neste artigo.

Referências

ANDRADE, Oswald de. **Pau-Brasil**. São Paulo: Globo, 1991.

AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Biblioteca universal).

BARROS, João de. **Grammatica da língua portuguesa**: cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem, diálogo da viciosa linguagem. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

BASTOS, Neusa Maia O. Barbosa. Sintaxe do português: de uma abordagem histórica para uma perspectiva inovadora. In: VALENTE, André. **Aulas de português**: perspectivas inovadoras. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Tradução de Maria Glória Novak, Luiza Néri. Campinas: Pontes, 1995. (Linguagem crítica).

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Repensando a língua portuguesa).

OLIVEIRA, Marco Antônio de. As relações entre a pauta sonora e a ortografia. In: OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: CEALE, 2005.

PERINI, Mário A. Nossa sabedoria gramatical oculta. In: PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística aplicada ao português**: sintaxe. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995, 160 p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de Gramática. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 248 p.